

#### XXIV — Derivação da espiral por curvatura do sistema.

Uma expressão mais intuitiva da lei que rege o transformismo fenomenico achamo-la no diagrama da fig. 3. O meu escôpo agora é descrever de modo evidente as características do fenômeno. Exporéi depois o significado e as razões profundas de sua marcha.

Na fig. 3, tomo para coordenada base, a exprimir a medida tempo, em vez de uma reta horizontal, uma circunferencia e faço que a coordenada vertical, que exprime os graus de evolução, se mova em torno do centro. Em outros termos, tomo por abcissas todos os possíveis raios do círculo. A medida do tempo será dada por graus. Assim, todo o sistema da fig. 2, fazemo-lo girar em torno de um centro. A expressão mais simples do conceito da evolução, apresentada pela reta ascendente OX do diagrama da fig. 1, é dada agora pelo abrir-se da espiral. Substitue-se o conceito de ascensão linear pelo de desenvolvimento cíclico. Em detalhe, tem-se a mesma quebrada, cujos vértices salientes são os máximos na progressão.

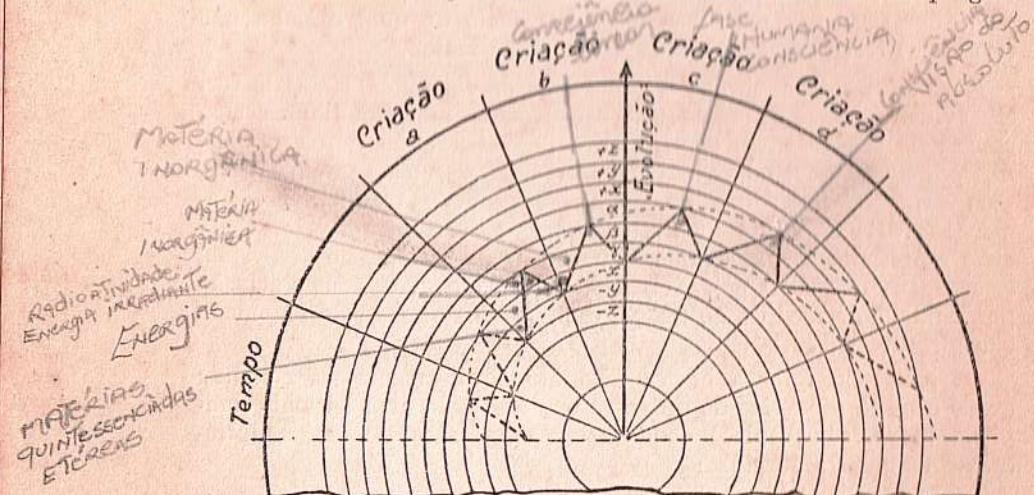


Fig. 3 — Curvatura do sistema.  
— A espiral derivando da quebrada

são das criações sucessivas. A linha geral do fenômeno (OX) toma assim a marcha de espiral, que é a linha da genese planetária, do vortice sideral das nebulosas, espiral que na fig. 4 veremos abrir-se e fechar-se também no seu interior, porque exprimiremos a quebrada por meio de curvas e desse modo veremos afastarem-se e aproximarem-se do centro, ao longo da coordenada raio, seguindo a curva do

tempo, as grandes pulsações, evolutiva e involutiva, segundo as quais progride todo o sistema. A espiral é aqui expressão mais intuitiva do que a reta, porque, derivando da circunferência, traduz com maior clareza a marcha ciclica do fenômeno e a trajetória típica do seu tornar-se, dado por desenvolvimentos e retornos periódicos.

#### XXV — Sintese linear e sintese por superfície.

Estudemos agora o diagrama da Fig. 4. Tomando para medida de tempo uma unidade menor do que na Fig. 3, isto é, retardando a marcha do fenômeno e colocando cada criação a maior distância, qual a de  $45^\circ$  ou de  $90^\circ$ , etc., poderemos exprimir, não mais, como na Fig. 3, apenas o aspecto do mesmo fenômeno em seu conjunto, mas também a marcha cíclica de desenvolvimento e retorno das fases uma a uma, no âmbito da mesma criação. Podemos assim observar melhor o fenômeno, em detalhe, numa nova figura de aspecto característico. Os segmentos ascendentes e descendentes da quebrada são substituídos, com expressão mais dinâmica, pelo movimento do *abrir-se e fechar-se da espiral*.

A Fig. 4 é construída dando a todas as fases ( $\alpha$ ,  $\beta$ ,  $\gamma$ , etc.) a amplitude de um ângulo reto. Esta amplitude é preferível a outros ângulos, porquanto dá uma expressão mais clara à lei do fenômeno, com superposições regulares de trajetória, como na realidade, e um conjunto mais equilibrado no retorno dos períodos. Observemos o diagrama nas suas características.

Achamos aqui reproduzido em sua expressão ciclica o mesmo conceito que, no detalhe da Fig. 3 e melhor do que no da Fig. 2, tem a sua expressão retilinea. Iniciemos a observação do fenômeno em sua fase —  $y$  e sigamo-lo na sua ascensão através das fases —  $x$  e  $\gamma$ . Neste ponto, o período fenomenico, depois de haver tocado um vértice, que na Fig. 4, como nas Figs. 2 e 3, assinalámos com a letra  $a$  e que se acha na cobertura completa das três fases, de novo desce, retorna sobre si mesmo e, tornando a fechar-se, percorre em sentido inverso as últimas duas fases do período progressivo. O primeiro período fenoménico, representando a criação  $a$ , é assim completo nos seus dois momentos de ida e volta, evolutivo e involutivo, dados pelo percurso —  $y \rightarrow x \rightarrow \gamma$  e  $\gamma \rightarrow x$ , que constitue a primeira parte da fórmula de  $A$ .

Coberta a fase —  $x$ , o periodo se esgota e, para continuar, inverte-se novamente, retomando o movimento ascensional. Este, porém, já não parte de —  $y$  e sim de um degrau mais elevado: —  $x$ ; percorre outras tres fases ascendentes, que agora são: —  $x$ ,  $\gamma$ ,  $\beta$ ; toca o vertice  $b$ , para tornar a descer de  $\beta$  a  $\gamma$ , onde inicia, recompondo o seu caminho, um terceiro periodo. Fica assim feito o per-

curso —  $x \rightarrow y \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$ , que constitue a segunda parte da formula de  $\Delta$  e corresponde á criação  $b$ . O fenomeno continua a desenvolver-se, obedecendo a uma lei de progressão constante. Assim, pois, as letras, vertices e periodos da espiral da Fig. 4, correspondem aos da quebrada das Figs. 2 e 3. Do mesmo modo que nestas a trajetoria continua a subir e a descer na quebrada, no diagrama da Fig. 4, continua, abrindo-se e fechando-se na espiral. As criações  $a, b, c, d$ , que culminam, ao longo da quebrada, nos vertices  $a, b, c, d$ , correspondem, no desenvolvimento e envolvimento da espiral, os maximos progressivos  $a, b, c, d$ , etc. e a formula inteira de  $\Delta$  se desdobra.

O diagrama da Fig. 4 exprime o fenomeno, não só na sua sintese linear, como tambem na sua sintese por superficie, ainda mais evidente. As tres faixas circulares —  $y$ , —  $x$ ,  $\gamma$  representam, em sentido espacial, a amplitude das tres fases cobertas pelo desenvolvimento da criação  $a$ , que dá, como resultado maximo, a fase  $\gamma$ , isto é, a matéria, o vosso mundo fisico. E o resultado final do percurso de todos os periodos é a cobertura de uma fase circular maior, que depois servirá de base a novos arremessos, para ocupação de maiores áreas.

Afastemo-nos agora do fenomeno em detalhe, para o observarmos cada vez mais no seu aspecto de conjunto e o apreciarmos segundo linhas cada vez mais gerais. A lei de desenvolvimento da trajetoria tipo dos motos fenomenicos se exprime por esta espiral sujeita a um ritmo de pulsações que continuamente se invertem, se abrem e fecham, se desenvolvem e envolvem. E' como um respiro intimo. E o resultado final deste continuo retornar sobre si mesmo é uma progressão constante. Tal o produto ultimo desse profundo trabalho interior de todo o sistema. Assim, na sua simplicidade aparente, a progressão constante da evolução resulta de uma complexa e profunda elaboração. Cobertas são, desse modo, sucessivamente, as varias fases; a cada criação, surge o universo fisico, depois o dinamico, depois o psiquico, o ultra-psiquico e o produto derradeiro de cada criação permanece, adiciona-se aos precedentes, efetuando-se uma cobertura cada vez maior da superficie formada pelas faixas circulares e todo o sistema lentamente se dilata.

Eis-nos assim diante de uma sintese mais vasta do fenomeno, a sintese ciclica, expressa por uma espiral que se desenvolve em progressão constante. A expansão do sistema não decorre unicamente da sua dilatação em superficie, mas da linha segundo a qual essa dilatação se opera. Assim como, unindo os vertices  $a, b, c, d$ , etc. da quebrada do diagrama da Fig. 3, se obtém, por expressão sintetica, uma espiral (na qual se torna a encontrar a linha OX da Fig. 1), tambem, unindo os correspondentes maximos sucessivos de abertura:  $a, b, c, d, e, f, g$ , etc., no diagrama da Fig. 4, obtemos igualmente uma espiral de abertura constante.

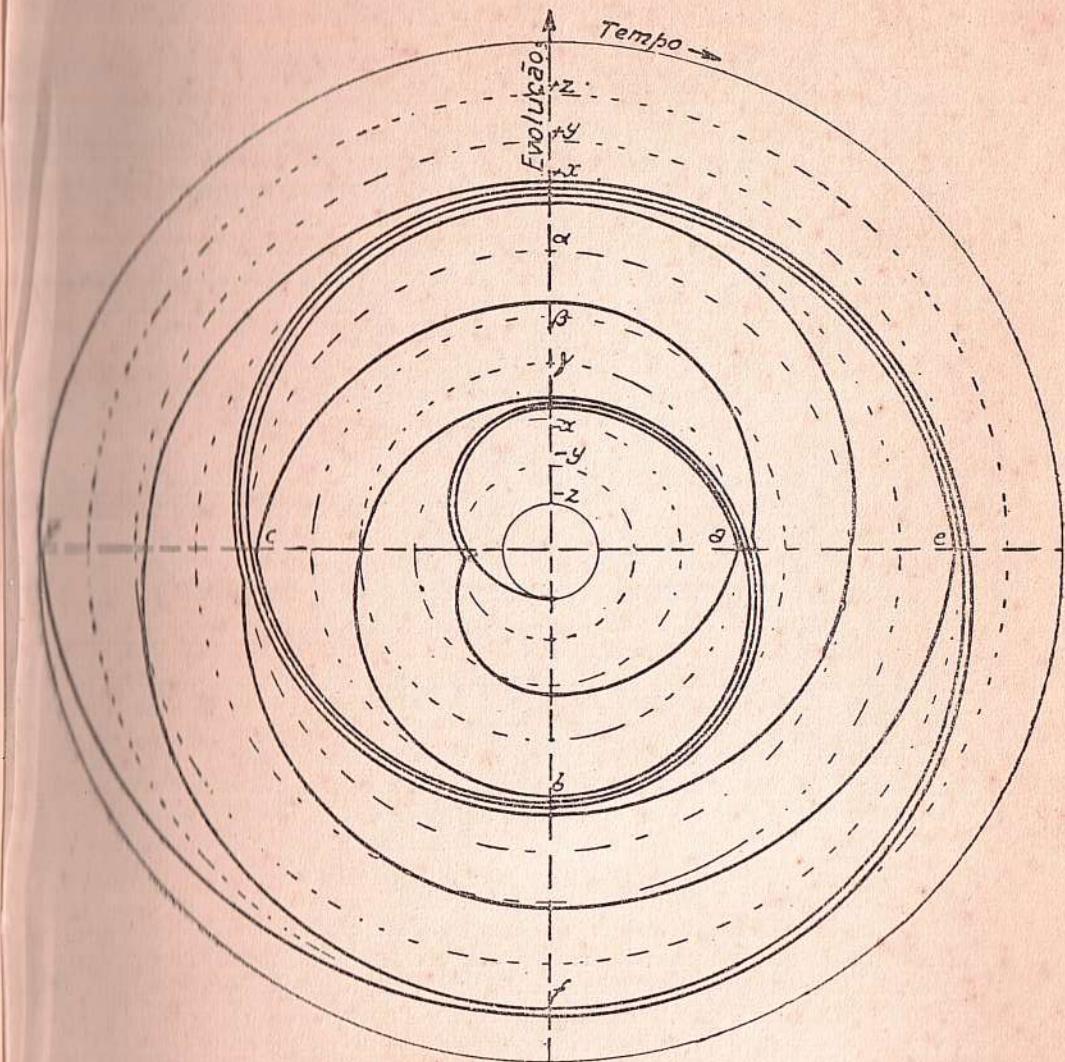


Fig. 4 — Desenvolvimento da trajetória dos motos fenomenicos na genese do Cosmos.

Podemos assim, nesta espiral, traçar uma linha maior do fenomeno, em que a particularidade dos retornos é posta de lado, para se levar em conta apenas a progressão final. Aí temos uma expressão mais alta da Lei e traçada a espiral que dissemos ser a trajetoria tipica dos motos fenomenicos. Simplesmente com o afas-

tarmos da Fig. 4 o olhar, mais visivel se nos mostrará essa linha maior, pela superposição dos tres percursos de que resulta a sua formação. Pois que cada fase, para ficar definitivamente vencida e fixar-se firmemente no sistema, tem que ser percorrida tres vezes em direção progressiva de evolução, primeiro como produto maximo do ciclo, depois como produto médio, depois como produto minimo, esse é o ponto de partida, ou fase inicial do processo evolutivo. Conforme se vê, o sistema é trino, em seu conceito, como em seu desenvolvimento. Tomando por unica linha do fenomeno essa espiral maior, sua mais sintetica expressão, veremos que o resultado final do seu desenvolvimento será o percurso da abcissa vertical, indicadora da evolução e que a linha —z, —y, —x,  $\gamma$ ,  $\beta$ ,  $\alpha$ , +x, +y, +z, +n é apenas a trajetoria que resume todo o complexo movimento que dá lugar á abertura da espiral. Veremos que essa trajetoria, síntese ainda maior, pois que resume todas as anteriores, dada pela continuação de tantos trechos contiguos, que representam as sucessivas fases de evolução, é tambem uma espiral, expressão de fenomeno ainda mais vasto e assim indefinidamente. Construiremos, dessa maneira, outro diagrama, que nos dará a ultima expressão, por síntese ciclica, da fenomenogenia universal. Teremos então observado, em seu aspecto mecanico, o universo e eu vos terei exposto a grande Lei que o rege.

## XXVI — Estudo da trajetoria tipica dos motos fenomenicos.

Primeiramente, porém, é necessário aprofundemos mais e passemos da simples exposição descritiva dos motos fenomenicos ao campo dos intimos porquês. Cada fase, antes de se estabilizar numa definitiva assimilação ao sistema, é percorrida tres vezes, como progresso e, depois, duas, como regresso, o que significa que é vivida cinco vezes e em direções opostas. As razões deste retorno cílico de duas fases involutivas sobre tres evolutivas são dadas pelo facto de que o tornar a existir, tres vezes repetidas, no nível de cada fase, é a condição primeira da profunda assimilação desta pelo sér que a fixa em si mesmo. E' uma vida triplice, que o sér, em cada gráu, tem que viver em tres posições diversas, para poder dominá-la definitivamente. Nas duas fases de regressão, o passado volta, o sér o resume, recorda e revive. Assim, o novo se funda sobre bases novamente consolidadas. O conceito que reside no fundo da idéia da trindade é um princípio de ordem e de equilíbrio.

Outro significado deste tornar a descer é que ele representa a desintegração do velho material de construção, para a constituição de um novo material — germe de maior potencialidade — porque sómente esse nucleo mais possante é capaz de alcançar maiores alturas, exatamente como farieis vós, se quisesseis, no lugar

onde se acha situada uma casa velha de dois andares, edificar outra de seis.

10' mediante este processo de intima destruição e reconstrução que o fenomeno se elabora e amadurece. E' mediante esses retornos sobre si mesmo, esse comprimir-se do vortice, essa fase de contração, que se fecunda o impulso para ascensões maiores. Esse refazer-se completo, volvendo pelo mesmo caminho percorrido, é um fechamento do fenomeno em si mesmo, para explodir com maior potencialidade. Afim de avançar, precisa, primeiro, retroceder, demolir o que ficou velho, depois reconstruir, sempre por inteiro, pondo, sobre fundamentos mais sólidos, as bases de um novo organismo de maior possança, destinado a um desenvolvimento maior. Assim é, porque, dentro da lei, tudo avança de modo continuo (*natura non facit saltus*) e todo progresso tem que amadurecer profundamente.

Melhor ainda o compreendereis, desde que passemos dos conceitos abstratos para a exemplificação de casos concretos. Verificareis então que a vossa realidade corresponde aos principios acima expostos. E' universal essa necessidade de completo refazimento, pelo qual o fenomeno se aproxima novamente de suas origens. Para reedificar, é preciso destruir. O ciclo resultante do abrir-se e fechar-se da espiral é a linha de transformação de todas as formas do sér. Se vos parece, alguma vez, que assim não é, isso se dá por só terdes sob as vistas fragmentos de fenomenos. A unidade de principio nos permite descobrir exemplos nos campos mais diferentes.

No universo da materia,  $\gamma$ , tendes a linha da espiral no desenvolvimento das nebulosas. Aqui, a materia é um vortice centrifugo de expansão e se projeta no espaço em forma de pó sideral, exatamente segundo uma espiral, que tem a sua juventude, a sua madureza e a sua velhice, isto é, que atinge a um maximo de abertura espacial, decorrente do impulso que lhe imprime o vortice germe do fenomeno, maximo que não pode ser superado e depois do qual ela retrocede. O ciclo torna a fechar-se em si mesmo, pois que, enquanto a espiral se abre, do nível  $\gamma$ , ocorre aquela intima elaboração da materia, que expuzemos na série estequiogenética e em virtude da qual a materia se desagrega e  $\gamma$  volta a  $\beta$ . A energia, vemo-lo, se canaliza, a seu turno, em correntes donde se origina um vortice centripeto, concentração dinâmica (periodo involutivo do ciclo), em um nucleo (novamente  $\gamma$ ), que constituirá o germe de um vortice centrifugo inverso (periodo evolutivo do ciclo), isto é, de uma nova expansão sideral. Mas, desta vez,  $\beta$ , novamente reconstituída, tomará as mais elevadas sendas da vida e da consciencia, ao passo que, nos confins do vosso universo, lá onde  $\beta$  ainda não amadureceu, ve-la-eis dobrar-se sobre si mesma, no sentido de  $\gamma$ , e assim por diante.